

■ NACIONAL

Petrobras ameaça abandonar projeto da Vale

Parceria da estatal com o BNDES e a CVRD prevê construção de gasoduto, termelétrica, pelletizadora e siderúrgica na Região Norte

Mônica Magnavita
do Rio

A política em relação ao fornecimento de gás adotada pela Petrobras está provocando tensões entre a estatal, a Vale do Rio Doce e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

As duas empresas e o banco assinaram um memorando de entendimentos para analisar um projeto que prevê a construção de um complexo reunindo um gasoduto entre o campo de Urucu, no Amazonas, e a cidade de Marabá, no Pará; a construção de uma termelétrica; uma pelletizadora da Vale, utilizando o gás como combustível; e a instalação de uma siderúrgica produtora de aços longos em associação com usinas estrangeiras na região.

No fim do ano passado, a Petrobras enviou carta aos dois parceiros argumentando que o preço do gás a ser fornecido à Vale não seria economicamente viável. A estatal teria de investir cerca de R\$ 4 bilhões na construção do gasoduto de 2 mil quilômetros, na produção do gás e na termelétrica. Segundo fontes da Petrobras, há necessidade de desen-

volver também o campo de Juruá, no Amazonas, para levar o gás a Marabá. Logo, o preço para remunerar todos esses investimentos seria elevado para a Vale.

A decisão da estatal foi vista pela mineradora e pelo BNDES como um problema a ser negociado e, possivelmente, resolvido. "O projeto é de longo prazo e o processo continua", diz uma fonte ligada a um dos parceiros. A Petrobras tem outra visão. Já engavetou o projeto, conforme fontes da empresa, e agora quer priorizar as termelétricas.

O desfecho, na avaliação dos mesmos executivos, dependerá do jogo de forças dentro do governo em relação à política de desenvolvimento a ser adotada pelo País. Os defensores da idéia de descentralização argumentam que a instalação de um pólo industrial na região Norte é um vetor de desenvolvimento e de integração regional.

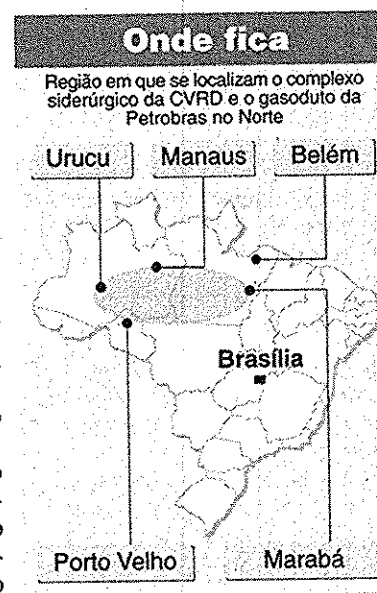
Na Petrobras, o argumento é de que os investimentos prioritários são para levar o gás às térmicas do Norte do País. O combustível reduzirá o custo atual e, afirma a empresa, também viabilizará o desenvol-

vimento da região amazônica, apesar de não se tratar de projeto industrial.

Por isso, a estatal dará prioridade a seus investimentos na ampliação do gasoduto que vai de Urucu a Coari até Manaus, para levar o gás às termelétricas da região em substituição ao óleo combustível.

O gás extraído do campo de Urucu, na Bacia do Solimões, será utilizado na geração das termelétricas do sistema Acre-Rondônia, contribuindo para a redução dos custos de geração na área norte. Hoje, a geração térmica a óleo custa US\$ 150 por hora. A gás sairá por US\$ 50 por hora.

O documento assinado pelos três parceiros prevê a participação do BNDES financiando parte dos in-



Fonte: Petrobras

vestimentos previstos. Os recursos restantes seriam obtidos através de project finance, com participação de grupos estrangeiros siderúrgicos.

O gás fornecido pela Petrobras será utilizado na transformação do minério de ferro da Vale, em Carajás, em pelotas, na unidade a ser construída pela mineradora em Marabá, em uma área cortada pela estrada de ferro que liga Carajás ao porto de São Luiz.

Parte da pelota produzida em Carajás será destinada a uma usina siderúrgica, de capital estrangeiro, a ser construída na região, como prevê o projeto. A outra parte terá como destino a exportação. Para a Vale, a construção do pólo significaria mais

valor agregado para seu produto. Para se ter uma idéia, o minério de ferro exportado pela companhia custa hoje cerca de US\$ 15 a tonelada. O preço da pelota oscila entre US\$ 32 e US\$ 36 a tonelada.

A combinação de um minério com o alto grau de qualidade como o de Carajás com fornecimento de gás a preços considerado razoáveis, na região amazônica, é um projeto que a Vale do Rio Doce acalenta com carinho e não pensa em abandonar. Atualmente, a mineradora utiliza óleo em suas pelletizadoras localizadas no Espírito Santo. Mas briga para criar condições de substituir o combustível líquido por gás.

Essa questão suscita uma dúvida entre os analistas especializados no setor: até que ponto interessaria à Petrobras substituir a comercialização do óleo, mais caro, pelo gás. Eles consideram que a estatal teme perder uma fonte de receita se trocar o fornecimento de combustível de seus atuais clientes.

A entrada da concorrência no mercado, como, por exemplo, a da British Gas, que hoje está pesquisando gás na região amazônica, não

será capaz de alterar de forma radical o cenário atual. Os especialistas avaliam que as empresas atuantes no mercado serão levadas a fechar parcerias com a Petrobras.

Apesar da abertura, a estatal conquistou uma posição estratégica no mercado. Ela é dona dos gasodutos, tem participação relevante em todas as distribuidoras de gás no Brasil, com exceção das empresas de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, e nas usinas termelétricas. Por isso, os analistas concluem que vale muito mais a pena a estatal firmar uma parceria do que investir pesadamente e começar do nada.

O fato é que o fornecimento de gás, de acordo com recente relatório do Morgan Stanley, não chega a 5% da receita da Petrobras. Percentual extremamente baixo quando comparado à média internacional das empresas do setor, de 20%. Por este motivo, o analista responsável pelo relatório, Christian Audi, deu um desconto para as ações da Petrobras. A energia elétrica é uma commodity escassa. Por isso, quem detém o gás, hoje, tem nas mãos o substituto das fontes de energia atuais.